

2076

AS MÃES

Biblioteca

INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA COLETIVA BRASILEIRA

2295

Die Mütter! Mütter! — 's klingl so wunderlich!

As Mães! As Mães! como soa estranho!

ENCONTRAMOS NA OBRA DE GOETHE um episódio que tem surpreendido e mesmo escandalizado os críticos. Refiro-me à cena quinta do primeiro ato do Segundo Fausto — "numa galeria escura" — em que são invocadas *As Mães!* Entre tôdas as alegorias e símbolos herméticos que enriquecem e dificultam essa obra estranha da velhice de Goethe, nenhum seja talvez mais suscetível de nos confundir. Vale lembrar a cena: Fausto e Mefistófeles se haviam apresentado à corte do imperador. Notabilizaram-se então por estupendos feitos de arte mágica. O monarca, porém, caprichoso e irresponsável, ofuscado também pelo poder dos dois misteriosos visitantes, reclama-lhes a visão de Helena e de Páris, os heróis da Ilíade.

Na lenda medieval de Fausto já existia uma apresentação da alma de Helena. Esta, por cuja causa mil navios velejaram para Tróia, é a beleza sem par da poesia épica homérica. Mulher de Menelau, amante de Páris, personifica incomparavelmente o princípio feminino. Ao compor o seu Segundo Fausto, não podia Goethe prescindir de uma personagem tão rica de possibilidades. A presença de Helena permitir-lhe-ia alçar bem alto o vôo da imaginação poética e determinaria, além disso, pela extensão que a rainha de Sparta tomaria na elaboração final da obra, uma evidente ativação das suas mais profundas intuições psicológicas. Helena sucedeu a Margarida como a *femme inspiratrice* do herói goetheano — num sentido, porém, mais figurado e metafísico, mais desencarnado, de que constitui o episódio das Mães, precisamente, a perfeita introdução dramática.

Logo após de surpresa e perplexo diante do pedido do imperador, pois esta na inteira dependência de Mefistófeles para as evocações de magia, Fausto ao diabo recorre. Mefistófeles recusa a intervenção. Helena simboliza a beleza clássica. É o "ideal dos homens", além de ser uma figura da mitologia helênica. A intervenção do demônio cristão nesse capítulo seria não apenas anacrônica mas detestável para a mentalidade apolínea de Goethe, toda impregnada de entusiástica paixão pela antiguidade. Conseqüentemente, dirige Mefistófeles, acerbas críticas a Fausto, por haver-se levianamente abalado a conceder ao monarca uma tão absurda solicitação. A dívida contratada torna-se temerária. Pois se éle, o diabo, se achava prazerosamente a cumprir os ordens de Fausto quando se tratasse de feitiçaria, alquimia, magia negra, de fantasmas sutis, de anões com papeira e outros requintos da mesma espécie — o terreno que agora pretendiam invadir escapava inteiramente à sua ação satânica.

Com queixas furiosas, entretanto, Fausto assedia seu indócil companheiro. Acusa-o de sempre lhe exigir novas propinas; "Des o pai de tôdas as obstruções". Insiste no pedido.

Retruca Mefistófeles: "A raça dos pagãos não é da minha conta — reside em seu próprio inferno" ... "Entretanto há um meio!"
Doch gibl's ein Mittel!

"Tala sem tardança", exclama Fausto. Mefistófeles explica-lhe:

A contra gosto revelo um mistério supremo.
Deusas há que troneam, formidáveis, na solidão.
Não há espaço à sua volta, muito menos tempo;
A elas referir-me é muito embaraçoso.
São: As Mães!

"As Mães!?", repete Fausto, atemorizado.

Retruca Mefistófeles com sarcasmo: "Estremeces?"

Fausto de novo exclama: "As Mães! As Mães! Como soa estranho!"

As Mães! Onde as teria Goethe descoberto, para evocá-las de tão impressionante maneira? Uma coisa é certa. O próprio poeta indicou: a idéia ter-lhe-ia sido inspirada por uma referência de Plutarco às "Deusas Mães" adoradas num templo da cidade de Engyum, construída pelos cretenses. São também "as rainhas de aspecto terrível", "as horrendas Deusas" do Édipo de Sófocles. Os intérpretes do pensamento goetheano supõem tenha o poeta construído a cena para exprimir a sua concepção filosófica original do que chamava os *Urphenomena*, os modelos primordiais utilizados pela natureza para elaborar as formas vegetais e animais mais simples. As Mães seriam as "representações coletivas" da psicologia social. Talvez as idéias platonicas — que servem de padrão para tôdas as coisas. Ou ainda, numa versão da doutrina do *Apeiron* de Anaximando, o "limitado", o Infinito e Indefinido que precede os objetos criados. Ou finalmente, uma representação desse reino das profundidades subliminais onde imperam as Idéias-Mães, as formas arquetípicas independentes do espaço e do tempo, idéias que governam as formações e transformações de tôdas as criaturas e constituem como que "os esquemas" de tôdas as coisas vivas.

O psicólogo e médico C. G. Jung não se furtou ao interesse pela imagem e, no seu entender, todo o episódio faustiano da descida ao reino das Mães corresponde muito exatamente a uma penetração nas profundidades avassaladoras do Inconsciente Coletivo que podem ser alcançadas pela intuição poética ou artística, assim como nos sonhos das pessoas normais, nas alucinações dos neuróticos, nos estados místicos ou ainda, artificialmente, graças às técnicas especiais da psicologia analítica moderna.

A tese de que o reino das Mães seja o obstáculo psíquico onde, graças à intuição criadora, vai o artista pescar as mônades ou idéias originais — a idéia da beleza, por exemplo, ou a *Ánima*, personificada por Helena de Tróia — não contradiz, antes confirma as várias hipóteses que os críticos aventaram sobre o mito. É fácil de compreender por que motivo alguns psicólogos modernos encontraram no episódio aludido uma tão admirável ilustração de suas próprias teorias a respeito da natureza do Inconsciente, pois o Inconsciente precisamente é o domínio insondável dos arquétipos, "os reinos infinitos de tôdas as formas possíveis" onde "serpenteadam os fantasmas como um rio de nevos" ...

In der Gebilde losgebundene Reiche!

Ergetze dich am längst nicht mehr Vorhandnen.

Wie Wolkenzüge schlingt sich das Getreibe!

As Mães são as imagens primordiais, são os arquétipos que Jung coloca na base de seu sistema. Constituem a expressão multiforme, englobante e dramática daquilo que é o arquétipo primordial da natureza: a *Magna Mater*, a Grande Mãe, a Terra Mãe.

A compreensão do episódio das Mães no Segundo Fausto é fortalecida pela lembrança de outra cena, desta vez no Primeiro Fausto onde simultaneamente se tem a crítica entediada numa posição de grande perplexidade: a invocação do *Erdgeist*. No monólogo com que se inicia a sua apresentação no drama, Fausto está a revelar profunda decepção, um desencanto, um desespero mesmo com a ciência erudita, o pensamento racional, o nada devorador da *gnose*. Nada o satisfaz. Nada mitiga a sua curiosidade na procura angustiante dos últimos mistérios da vida e da natureza. O monólogo é um grito de asco do sábio desabusado e pessimista para quem a imensa cultura, livresca e académica, nada mais vale do que a montanha de volumes que enche a biblioteca até o teto, que o cupim está roendo, que a poesia recobre e se amontoa como papélagem esfumada:

*Direito, Medicina, Filosofia,
E também, infelizmente, Teologia!
Tudo estudei a fundo, num esforço ardente,
E eis-me aqui, pobre demente,
Tão sábio quanto era antes...*

A invocação do Espírito da Terra, o *Erdgeist*, representa o último recurso da ansiedade intelectual. Na intuição de sua alma ofuscante, vai o felicitoso, ainda aprendiz, descobrir o instrumento graças ao qual espera atingir ao conhecimento vivo e imediato da realidade subjacente, conhecimento a que aspira com toda a paixão titânica de um gênio frustrado. Fausto revela-se como o espírito que procura o poder pela ciência. Eis o que o torna o protótipo da cultura ocidental — a cultura que Spengler qualificou de "fáustica" (Fausto é o protótipo germânico, como D. Juan o protótipo latino dessa cultura).

O apêlo ao *Erdgeist*, entretanto, mal sucedido a princípio, só produzirá resultados pelo amor humano, pois lhe facilitará a conquista de Margarida.

Escrito na mocidade romântica de Goethe, o Primeiro Fausto reflete idéias filosóficas diferentes daquelas que se manifestarão na obra mais madura e mística do Segundo Fausto. Não obstante, certas concepções originais no que diz respeito ao papel da natureza e à maneira de nela encontrarmos a inspiração para o esforço da existência — não se modificaram sensivelmente no correr da evolução intelectual que, com mais de meio século de intervalo, conduz da Primeira à execução da Segunda Parte do drama goetheano. Corresponde assim o episódio das Mães, de certa forma, à invocação do *Erdgeist*. A quase identidade do Espírito da Terra e daquele que anima as Mães é confirmada pela semelhança dos resultados atingidos. A noção do Espírito da Terra é apenas mais concreta, mais definida, menos cercada de misteriosos simbolismos do que a imagem tenebrosa das Deusas maternas.

Vale notar desde logo — e a observação é importante! — que não se concebe o *Erdgeist*, nem tão pouco as Mães, como instrumentos subordinados à vontade satânica de Mefistóteles. São invocados por Fausto diretamente, sem a intervenção ou auxílio do Diabo. Trata-se, sem dúvida, de um princípio de natureza mágica. Equivale ao *archeus terrae* de Paracelso, à *anima terrae* de Giordano Bruno, a outros fatores telúricos sobre os quais se fundamenta a vida "natural" ou inconsciente, bem como ao conceito de "natureza" na filosofia científica, especialmente nas elocubrações teóricas dos alquimistas e filósofos naturalistas da Idade Média do Renascimento e dos princípios do século XIX. O princípio, porém, é anterior à distinção entre o bem e o mal. Precede o cristianismo. Goethe segue a tradição naturalista e, nesse sentido, se o *Erdgeist* evoca noções medievais — em contraposição ao episódio das Mães que se origina num mito clássico — nem por isso deixam as duas fórmulas de pertencer à mesma categoria de pensamento, categoria independente de qualquer valorização ética, positiva ou negativa, e por isso mesmo associada a uma visão do mundo

que é essencialmente panteísta, cosmológica e imanente. O Espírito da Terra é o próprio espírito que anima o mundo subterrâneo da vida natural: é uma inspiração espontânea, por assim dizer biológica, que permite à consciência penetrar nos arcanos do Inconsciente Coletivo.

Após haver mencionado o reino das Mães como depositário da imagem de Helena, Mefistóteles revela a Fausto o caminho a seguir. Região inexplorada e para sempre inexplorável, para penetrar na qual não há porta a abrir nem fechadura a romper, deverá o aventureiro navegar na solidão absoluta, no Nada onde nada de sólido lhe poderá servir de apoio aos passos cegos. Aos avisos e admoestações do seu companheiro, porém, responde Fausto com desdém. Acentua o seu destemor. Confirma o desejo de aprofundar o mistério: "Naquilo que chamas Nada espero descobrir aquilo que, para mim, é Tudo!".

Mefistóteles declara-se incapaz de acompanhá-lo na expedição, oferecendo-lhe porém uma chave que certamente o conduzirá aos domínios das Deusas.

Estremece Fausto mais uma vez: "As Mães! Penetra-me como um relâmpago! Que há na palavra que não a posso ouvir?" Goethe traduz perfeitamente a experiência de respeito místico perante o supremo desconhecido da alma, com aquêles qualificativos de *tremendum*, *fascinans* e *numinosum* com que Rudolf Otto define o sentimento religioso e que também nos empolga na fascinante experiência psico-analítica de confrontação com o Inconsciente.

Não procuro na indiferença a minha salvação, declara Fausto:

*O Irêmito de espanto é o que de melhor há em nossa
Humanidade*

*Tão caro lhe faça o mundo pagar a emoção,
Profundamente sente o homem a Imensidade.*

Repelindo então Heráclito para quem, "o mesmo é o caminho para cima e o caminho para baixo", dá-lhe Mefistóteles os últimos conselhos: "Áfunda, enterra-te no abismo. Poderes também dizer: sobe às alturas! É o mesmo. Deixa o mundo criado fugir em direção aos espaços indefinidos das formas possíveis. No fundo do abismo deverá Fausto encontrar um tripe ardente a indicar-lhe que atingiu os seus últimos recessos: "Recolla, então toda a tua coragem, pois grande é o perigo. Avança diretamente para o tripê, toca-o com a chave!"

Também em Plutarco deve ter Goethe descoberto o tripe. Plutarco propunha a tese de que existem 188 mundos, dispostos em forma de triângulo cuja área se chama "o campo da verdade". Nesse campo "encontram-se as bases, as formas e imagens originais de todas as coisas que existiram ou existirão um dia. Envoltas estão na eternidade, da qual para o mundo escorre o tempo como se fôra um rio".

Possui toda a cena, indubitavelmente, um penetrante sentido psicológico. É difícil avaliar até que ponto teve Goethe a intuição das teses mais ousadas da psicologia moderna, ou até que ponto psicólogos como Freud e Jung perceberam no Fausto, uma comprovação poética de teorias que tentam hoje cientificamente edificar. Na invocação das Mães encontramos a perfeita equivalência do que a psicologia junguiana entende por "penetração no Inconsciente". No caso específico de Goethe um romântico por excelência, o episódio exprime o papel positivo que, nesse processo, deve exercer o elemento feminino portador da ternura e da capacidade de amar com as quais lhe serão facultados o equilíbrio e a harmonia intelectual, exigido pelo classicismo.

As Mães e o fantasma de Helena configuram a Imagem da Alma — a *Ânima* de que nos fala Jung — Se a *Ânima* é a categoria

arquetípica do "eterno feminino", elemento compensatório e inspirador, fator ativo dentro da psique do homem, representam as Mães a própria fonte, a matriz, o útero inexgotável das energias, do Inconsciente, o oceano primordial, profundo e insondável, gerador de nossas idéias, de nossos sentimentos, nossas intuições e as imagens espontâneas de nosso pensamento — onde se formam as estruturas primordiais que servem de padrão para os conteúdos subliminais da alma.

A tonalidade altamente emotiva dessa presença deslumbrante confirma estarmos em presença de conteúdos dificilmente acessíveis a formulações racionais e lógicas. Só através de símbolos dessa natureza pode o poeta evocar as categorias com que, em linguagem e com métodos científicos, lida a moderna psicologia profunda. Abordar tais entidades através de conceitos puramente positivos e lógicos só conduziria a frustrações, a malentendidos. E, se para o positivista pedestre e filisteu, o episódio das Mães configura uma mistificação fantasmagórica em que abusa Goethe da liberdade de linguagem simbólica tradicionalmente permitida aos poetas, para o indivíduo familiarizado com o idioma específico do Inconsciente são das Mães as únicas vozes suscetíveis de traduzirem adequadamente a nossa realidade interior; e representa nesse caso a análise psicológica de tipo jungiano a única chave mágica, na verdade misticista, com a qual se atreve a nossa mente taustica, curiosa e intimorata a mergulhar em si mesma a procura dos supremos enigmas.

Notemos bem: Mefistófeles, agindo como um verdadeiro psicoterapeuta, indica apenas o caminho. Ele representa, no caso, um guia espiritual, *Psychopompos*, que revela a existência das Mães, fornecendo a chave da interpretação e prevenindo contra os perigos da aventura. É-lhe vedado, porém, violar o segredo ou acompanhar o *Eu* consciente em sua peregrinação interior.

A psicologia confirma a obrigação de reconhecermos a nossa própria *sombra*, o nosso Inconsciente. O Ego deve a princípio conscientizar, como Mefistófeles, os conteúdos negativos e sombrios que ofuscam sua visão para, em seguida, como Fausto, se atrever à sondagem dos domínios abissais onde imperam, solitárias, as imagens da Magna Mater — cujo espírito próprio, o *Erdgeist*, bem corresponde à intenção introspectiva.

As Mães! Palavra estranha que faz estarrecer e atinge como um raio! Que são êsses arquétipos, êsses conteúdos primordiais do eterno feminino nas camadas clônicas da psique humana? Poderemos, por ventura, vislumbrar o seu sentido esotérico o reconhecer em nós mesmos a realidade de sua presença? Estaremos justificados em nossos desígnios que consistem justamente em percorrer diversos caminhos suscetíveis de conduzir às Mães — caminhos abertos pela antropologia cultural, pela mitologia, pela crítica literária, pela história comparada e, sobretudo, pela psicologia das profundezas? Qual o propósito, qual o valor, a importância do método adotado? Como agarrar o conceito fugidivo de *Ânima* — um dos *Shibboleths* da psicologia de Jung — após ouvir Nietzsche, cujas intuições o aclamam precursor da psicologia analítica moderna e que dizia: "Todo o mundo carrega em si uma imagem de mulher que deriva da Mãe. Por essa imagem é o homem determinado, ou a reverenciar a mulher em geral; ou a levá-la em pouca consideração; ou para com ela manter uma certa indiferença"? Eis a nossa meta: indagar como surge a imagem feminina coletiva da visão primordial da Magna Mater, do mesmo modo como surge a *anima* de sua primeira expressão individual na *imagem* ou figura materna.

Nessa rota ingrata e perigosa, coalhada de rochedos submersos, mas segurando sem temor a chave mágica da análise, vamos procurar descobrir as Mães. Elas são muitas e uma só, a Grande Mãe. E no seu reino, que tanto está em cima quanto em baixo, talvez devamos consultá-las em seu pítico tripé e de

seus pronunciamentos oraculares esclarecer alguns dos problemas fundamentais da psicologia coletiva brasileira. Porque a Mãe, ainda hoje, constitui o núcleo e unidade central da sociedade brasileira, e porque na Mãe, nos laços a ela prendem o homem brasileiro, se articula o complexo central da nossa alma coletiva.

Avancemos pois. Mas para tanto reconheçamos de seu Ego que o termo Magna Mater é usado para designar uma mera abstração psicológica, resultante de um trabalho especulativo que procura ferir os aspectos multiformes da maternidade. O termo exprime a forma nuclear e sintética do arquétipo do feminino materno. Abarca um conjunto de símbolos, carregados de tonalidade emotiva. Manifesta a realidade do arquétipo não apenas em seu sentido de "complexo" individual — isto é, quanto à influência que, sobre cada um de nós, sobre nosso caráter, nosso temperamento, nossa moral, nossas tendências e opiniões, exerceu nossa própria Mãe — mas principalmente no sentido coletivo de pertencermos à terra, à nação, à cidade ou pátria, como entidade geradora e englobante, da comunidade humana que nos viu nascer — uma terra e uma nação onde justamente a Deusa Mãe da pré-história parece haver readquirido algo de seu poder antigo e formidável.

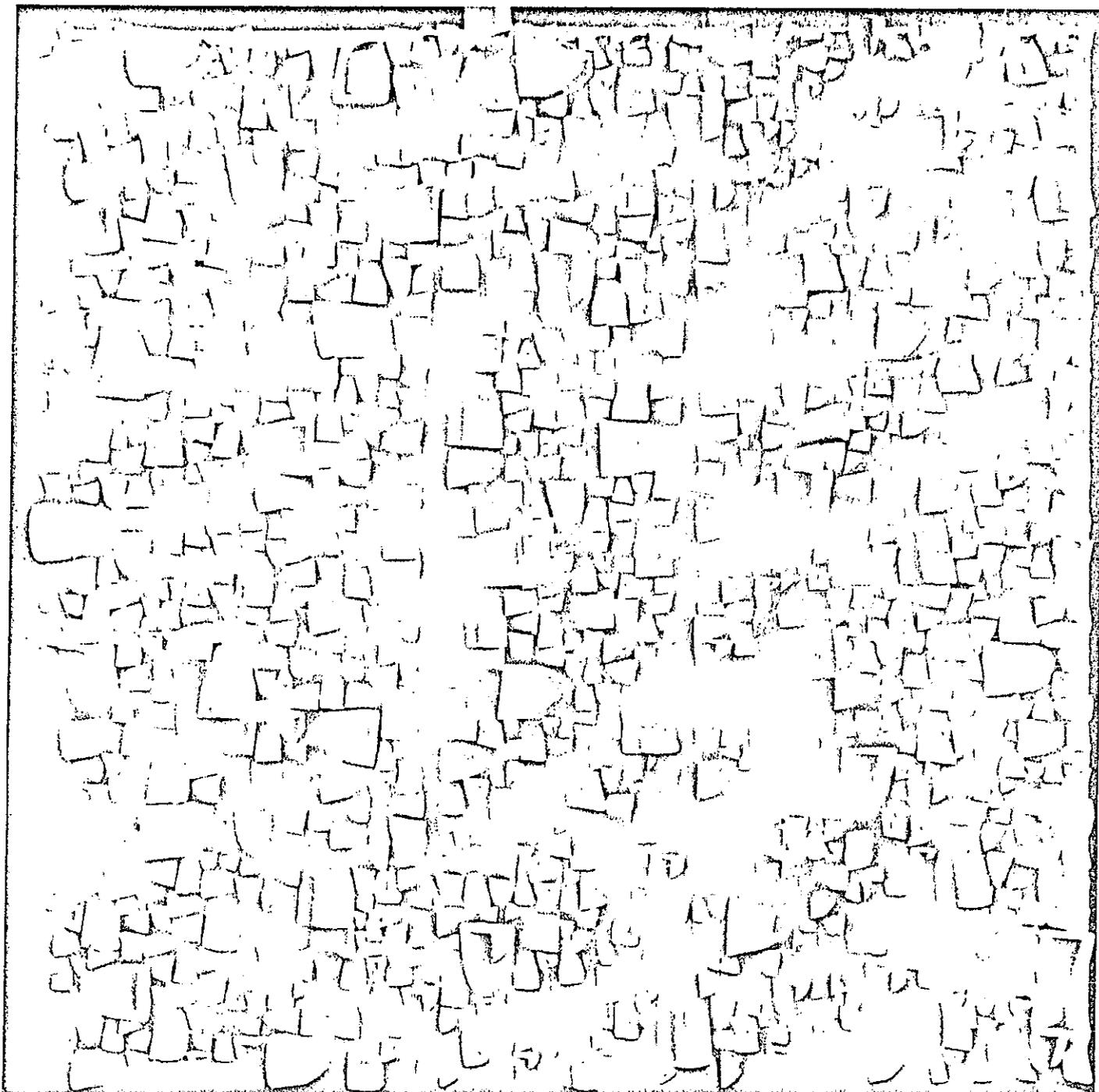
O termo consubstancia assim imagens de rica e variada forma. São imagens que se constelam nos mitos, nas lendas, nas artes, na literatura, nos ritos e crenças populares, nos sonhos e fantasias individuais, envolvendo não apenas a figura compreensiva da Mãe humana e pessoal, mas as de outras Mães que ocupam relevante posição hierárquica na estrutura global da psique. Vamos caminhar de amplificação a amplificação — excluindo, no mais alto escalão espiritual, a figura da Santa Madre Igreja e da Virgem Mãe de Deus a que não se atrevemos a endereçar um ensaio limitado em escopo como êste — examinaremos os vários aspectos dessa grande Mãe, "amada e idolatrada", Mãe gentil em cujo seio nossa vida tem mais amores, terra adorada, cheia de encantos mil — aquela que continua a ser um "berço esplêndido" onde está deitado o brasileiro — deitado, mas oxalá não seja "eternamente"!

☆

Entidade geradora por excelência de um mundo concebido como Natureza e como Inconsciência, representam as Mães a categoria primordial sobre a qual vai agir o Logos, isto é, o Verbo Divino que é o Espírito criador: "No princípio a terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo e o Espírito se movia sobre a face das águas". Já Plutarco, falando dos mistérios de Isis, explica-nos que a Grande Deusa "é o princípio feminino da natureza e aquilo que é capaz de receber toda a gênese; em virtude do que foi denominada *gênitrix* e recipiendária de tudo, ao passo que a masculinidade a pretere chamar 'aquela que possui dez mil nomes' por ser suscetível de transformação através do Logos, e receber todas as formas e idéias".

Corresponde êsse princípio ao estágio de pré-consciência quando o Ego potencial se encontra numa situação de inteira dependência, de passividade, de total indeterminação e não-caracterização.

Nem sempre é fácil de compreender o sentido psicológico da constatação de que *a princípio é a Mãe*. A maternidade é natural. A paternidade mentalmente adquirida. O homem primitivo vê o alimento surgir da terra, vê a criança no ventre materno. No estágio mais primitivo, como o dos habitantes da Austrália antes dos primeiros contatos com os europeus, o homem desconhece a relação existente entre dois acontecimentos separados por nove meses de intervalo e ignora o seu próprio papel no ato de procriação. A criança similarmente conhece a Mãe antes de conhecer o pai, conhece o seio antes de conhecer o mundo, vive na escuridão da Mãe antes de nascer para a luz.



Sérgio de Camargo, Parede estrutural em mármore. Ministério dos Negócios Estrangeiros, Brasília, 1965/66. Altura: 4,60 m. Comprimento: 27 m. Foto: Galeria Buchholz, Munique.

É o seio materno, reservatório do leite nutriente, o símbolo essencial desse estágio, razão pela qual certas escolas psicanalíticas radicalizam o seio como determinação originária do desenvolvimento da psique humana.

Para a consciência nascente, mergulhada na penumbra pululante e borbulhante do universo em gestação, a energia criadora surge de baixo, emerge do limo, das plantas, das águas, da terra, do colo materno. É o mundo do ventre primordial. A princípio, esse mundo elementar é presidido por um único instinto, o da sobrevivência pela absorção, isto é, pelo instinto de alimentação. A fome constitui-lhe o dinamismo essencial, o que corresponde ao nível primário da Libido no estágio do erotismo bucal e visceral da concepção freudiana. Nesse nível, em que ainda não sabe a mente distinguir, nem pode mesmo destacar o sujeito do objeto, não existe dicotomia sexual. Confunde-

-se a Libido com o instinto de conservação, sendo o seio desprovido de qualquer sentido sexual.

O canibalismo é sintomático desse estágio. A vida conserva-se pela destruição da vida e pela absorção da matéria orgânica. O animal mais fraco alimenta-se do vegetal, o animal mais forte da carne do mais fraco. O mais fraco reproduz-se com mais frequência para compensar a inferioridade. A inteligência, ainda tênue e imprecisa, concentra-se na necessidade de defesa e na luta pela sobrevivência. Nesse estágio visceral e pré-genital, os aspectos positivo e negativo de um duplo esforço configuram, ao mesmo tempo, a ânsia de sobrenadar no oceano do Inconsciente cósmico. A fome engloba inicialmente as duas tendências ou impulsos opostos, os dois instintos que mais tarde se diferenciarão — o erótico, ou de absorção e fusão, que é primordialmente materno ou feminino; e o destruidor ou

adessor, de domínio e conquista, que é primordialmente masculino. Os dois impulsos básicos ainda não se especializaram sexualmente, nem se dissociaram no dualismo que, segundo Schiller, domina a vida, a Fome e o Amor; nem se opuseram na antinomia dos instintos de Vida (*Eros*) e de Morte (*Thanatos*) de que nos fala a metapsicologia freudiana; nem ainda se catalizaram na antítese que separou Freud de Adler, instinto sexual do primeiro e vontade de domínio do segundo — nem se exprimiram naquela polaridade primária da metafísica chinesa, representada pelo englobamento mútuo do *Yin* e do *Yang*

isto é, do passivo e do ativo, do negativo e do positivo, do frio e do calor, da noite e do dia, do inverno e do verão, do estático e do dinâmico, do horizontal e do vertical, do preto e do branco, da água e do fogo, do absorvente e do perfurante, do feminino e do masculino, da mãe e do pai, da mulher e do homem — Terra e Céu.

O estágio original é o estágio do *uroboros*, a imensa serpente mitológica que morde a própria cauda. O Ego encontra-se numa situação de absorção e inteiro englobamento no cosmos animal e vegetal. É uma potencialidade. Algo que ainda não é, *Noch-nicht-Sein* como dizem os alemães. O espírito consciente ainda não criou: move-se apenas sobre a face do abismo. É o momento da gênese.

A ambivalência da Magna Mater prende-se, contudo, a uma situação que já encerra, no nível biológico, a possibilidade de discriminação dos opostos. A sistole e a diástole da existência equaciona o problema vital, pela identificação do ato de comer com o de destruição da matéria orgânica caçada, morta e mastigada; e do ato de digestão com o de absorção dessa matéria orgânica; assim como pela associação dos fenômenos de gravidez e parto com as funções propriamente viscerais de engorda e expulsão dos detritos. Tais paralelismos do metabolismo e da sexualidade estabelecem-se ao nível anatômico, completando o quadro dessa estrutura orgânica, pelas funções das patas e braços, das garras e dentes; e pela proximidade dos órgãos genitais aos de eliminação.

Assim concebido como feminino, o mundo primordial é o da Natureza Mãe. Mais próxima da natureza, por isso, está a mulher do que o homem. A mulher é mais enraizada. Instintivamente melhor exprime o Espírito da Terra. Por isso é a Terra representada como mulher e como vegetal, como Deusa; e do mesmo modo como o vegetal "precede" o animal, a mulher, ao nível da natureza, "precede" o homem.

A Gênese, é bem verdade, fá-la nascer de uma costela de Adão. Mas a Gênese propõe-nos uma versão "espiritual" do mito da Criação pois, espiritualmente, o homem precede a mulher e mais próximo está da imagem do Deus Criador cujos traços, no monoteísmo judeu-cristão, são essencialmente masculinos. A Gênese, aliás, também declara (1:27) "E Deus criou o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou: macho e fêmea os criou".

A relação psicológica primordial Mãe-Filho é aquela que, ao nível coletivo, corresponde à relação primordial Terra-Homem. A Terra-Mãe logicamente precede o Filho como fenômeno da natureza, como fato objetivo, ao passo que o Filho-Homem precede a Mãe como consciência, como dado subjetivo fundamental, Logos ou noção teleológica.

A consciência do homem do paleolítico concebeu o princípio materno como dado primordial, antes de se conceber a si mesma na sua identidade e na sua autonomia. O dado primário da consciência do homem primitivo foi a Grande Mãe. Subsistindo por si mesma, imutável, envolvente e contínua, tem ela necessariamente, em suas relações com o homem, de ser o objeto primário de toda análise psicológica coletiva. No início do desenvolvimento psíquico de qualquer coletividade humana, assim como na base de qualquer estrutura mental infantil, as condições assemelham-se à da pré-história e reproduzem esse

envolvimento do Ego nascente pelo grande arquétipo materno. É por essa razão que a hipótese antropológica do Matriarcado, isto é, a teoria de que tenha a Mãe aparecido inicialmente como o núcleo da sociedade e a encarnação do princípio divino revela-se útil ao prosseguimento do nosso arrazoado psicanalítico.

★

A antropologia e a história comparada das religiões, contando ponderáveis dados arqueológicos, constata a presença de uma divindade feminina cujo culto se parece estender a partir da era paleolítica, desde a Europa até a Índia, e mais além. As figurinas antiquíssimas da Deusa Mãe constituem a primeira expressão artística do sentimento religioso. A maternidade ter-se-ia personalizado em forma divina quando ainda o animismo iluminava a aurora do espírito humano. Mas talvez não fôsse ainda propriamente uma deusa, porém um princípio mágico de fecundidade e alimentação, capaz de gerar e nutrir sem a intervenção de qualquer elemento fertilizante externo.

Mais tarde a Grande Mãe personaliza-se, caracteriza-se com muitos nomes, identifica-se com muitas formas, muitos predicados. É a Deusa da Lua, a Deusa da Terra, a Deusa do Mar, a Magna Dea do matriarcado. E será Ardivi, Aditi e Anabita na Índia antiga, Shakti, Durga e Kali na Índia moderna; será Anatis, Hathor e Isis no Egito; Mibita, Alia e Mitra, conforme a chamavam, segundo Heródoto, os Assírios e os Persas; será Alargatis ou Derketo na Síria, onde possui um rabo de peixe como uma sereia; será Cibele na Frígia, em cuja honra os sacerdotes se castravam; e será Artemis na Ásia Menor, a deusa dos inúmeros seios; será Athtar na Arábia, onde mais tarde, conhecido como Al-Uzza, ocupará a venerável Kaaba da Meca, sendo servida por sacerdotizas, antes do triunfo do Islame; será Ishtar na Babilônia, com prodigiosa mitologia, e também Nana; será Astartéia na Fenícia e Tanit em Cartago; será Ashera, Ashtarot ou Aherat para outros semitas. Será Antit, contra a qual deblaterava Jeremias, fulminando os hierosolimitas que queimavam incenso e faziam oferendas à "Rainha dos Céus" (XLIV-15 a 19). Será também Anu ou Annus, a deusa céltica que dominou a Europa ocidental pré-histórica até a Irlanda; e, na Europa oriental, será Tanais, Nanaí, Danu, Danae, dando seu nome ao Danúbio e ao Don, e venerada pelas tribos de conquistadores louros que espalharam a idade do bronze. Será também a deusa da lua céltica, Bridgit, que se transformou em Santa Brígida. E será Aphro, Aphróia, Apru, Aphroita, Afrodite e Vênus, Mãe d'água, deusa do mar. E todas aquelas ilustres matronas que, já em épocas históricas patriarcais, tinham ocupado, ao lado de seus companheiros olímpicos, os pantheons da Grécia e de Roma, a começar por Domater, Deo, Dôis, Dea, Rhéa Syria, De-Meter, Diviana, a "deusa" mais conhecida como Diana, a Magna Déa, e Ge, a terra, e ainda Tellus, Ceres e Maia. E reaparecerá sob a forma da Divina Sophia no Gnosticismo e no Cristianismo ortodoxo, Sophia, a Sagrada Sabedoria de Deus. E no Brasil, enfim, retornando a suas origens primitivas, reabsorvendo-se por assim dizer, na massa telúrica de onde partira, rebeberando-se com as águas primordiais que banham as praias de nossa terra, ei-la que renasce nos ritos populares da Iemanjá dos cinco nomes, ela que, no dizer de Jorge Amado, é sereia, é a Mãe-d'água, "a dona do mar, Iemanjá, dona Janaina, dona Maria, Inacê, Princesa de Aiocá, que podia morar nas cidades do Mediterrâneo, nos mares da China, na Califórnia, no mar Egeu, no golfo do México, e que antigamente morava nas costas da África que dizem que é perto das terras de Aiocá, mas veio para a Bahia ver as águas do rio Paraguaçu..."

Com todos esses nomes e essas diferentes moradas, a deusa do mar, da terra e da lua exprime uma unidade de significação: no princípio teriam sido as Mães. No princípio concebeu o homem a divindade como imanente na própria Natureza, sob a forma do princípio materno.

Ao referir-se à população pré-colombiana do Brasil, escreve Couto de Magalhães, em "O Selvagem", que "a teogonia dos índios assenta-se sobre esta idéia capital: tôdas as coisas criadas têm Mãe. É de notar-se que ôles não empregam a palavra Pai; esta palavra Pai não indica a origem de um homem, senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluído a comunidade das mulheres; e, portanto, não podia ser empregado por nossos selvagens em um estado tão rudimentar de civilização. O atomismo romano *pater est is quem justae nuptiae demonstrant* explica claramente a razão porque um povo primitivo, quando tivesse a necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferência a palavra mãe". Explica Couto de Magalhães como o sol, a lua, tôdas as espécies animais ou vegetais, os lagos, os rios, etc., têm, cada um, seu gênio protetor ou sua mãe. É o sol *gaurav*, mãe dos viventes; a lua, *jacy*, mãe dos vegetais; e assim por diante.

Num canto dos índios Kagaba, da Colômbia, citado por Konrad Preuss, encontramos esta bela e ingênua imagem da universalidade inicial do arquétipo materno: "No princípio, pariu-nos a Mãe dos Cantos, a Mãe de tôda a nossa semente. É a Mãe de tôdas as raças dos homens e a Mãe de tôdas as tribos. É a Mãe do trovão, a Mãe dos rios, a Mãe das árvores e de tôdas as coisas. É a Mãe dos cantos e das danças. É a Mãe das pedras, nossos irmãos mais velhos. É a Mãe do grão e a Mãe de tudo. É a Mãe dos irmãos mais moços e dos estrangeiros. É a Mãe dos atavios das danças e de todos os templos, a única Mãe que possuimos. É a Mãe de todos os animais, a única, e a Mãe da Via Láctea. Foi a própria Mãe que começou o batismo. Deu-nos o prato de pedra para a côca. É a Mãe da chuva, a única que possuímos. Ela é apenas a Mãe de tôdas as coisas, sôzinha. E a Mãe deixou sua memória em todos os templos. Com seus filhos, os salvadores, deixou nos cantos e danças como recordação. Isso foi o que relataram os sacerdotes, os pais e os nossos irmãos mais velhos".

Que explicação científica podemos atribuir a tôdas essas crenças, a êsses ritos, à devoção antiga e multiforme que recebem, as Mães? Como formular objetivamente êsse problema? As Deusas Mães da mitologia helênica foram pressentidas por Goethe como anteriores ao monoteísmo masculino, mas só na obra do suíço J. J. Bachofen é que, em hipótese científica, se transformou o que fôra apenas uma intuição poética do gênio alemão.

Bachofen. Ainda hoje mal conhecido, ferozmente controvertido nos setores acadêmicos e quase não traduzido, é êle o autor de uma obra, *Mutterrecht*, em que, pela primeira vez, foi sugerida a idéia de haver sido o matriarcado a forma original da ordem social humana e, por conseguinte, do desenvolvimento religioso. A tese de Bachofen é velha de mais de um século. Foi porém ignorada por Freud que, em "Totem e Tabu", se confessa perplexo ("onde se encontra nessa evolução, o lugar das divindades femininas que, talvez, tenham precedido os deuses-pais — eis o que não saberei dizer") e propõe a tese difícil de que tenham elas não só precedido os deuses-pais da era patriarcal, mas também *sucedido* ao Pai primevo da horda simiesca que postula (capítulo IV, § 6^o).

Acerta, porém, em seus traços gerais, por Jung, Neumann, Fromm e outros psicólogos, torna-se a tese de Bachofen de grande relevância, em que pesem seus defeitos e exageros, no contexto do tema específico dêste ensaio. Cobre, de fato, todos os aspectos antropológicos do problema, servindo de base às nossas generalizações subseqüentes em tôrno do papel nuclear do Complexo Materno na estrutura psicológica atual do povo brasileiro.

Bachofen destaca-se como um pioneiro genial. Na verdade, foi um dos fundadores das ciências sociais modernas. Sua tese da fase de ginecocracia, no desenvolvimento histórico da humanidade mediterrânea, foi elaborada sem qualquer sugestão de estudos anteriores e graças simplesmente a investigações

bem fundamentadas no campo restrito da cultura clássica. Não obstante a falta de uma comprovação empírica universal, representa o trabalho de Bachofen uma das mais preciosas contribuições para o nosso entendimento da evolução da humanidade primitiva. Com isto, a tese sustenta o que de mais ousado se pensa hoje sobre a natureza do Inconsciente Coletivo.

✽

Mais vasta, porém, foi a influência de Bachofen do que a da sua simples hipótese revolucionária do Matriarcado primitivo. Não obstante se exprimir sobretudo no terreno da antropologia, Bachofen foi talvez o primeiro a tentar a interpretação dos símbolos mitológicos e religiosos dos povos antigos, em suas múltiplas relações com os tipos de cultura, num sentido que chamaríamos hoje de arquetípico. Em sua perspectiva de observação, servia a mitologia para a elaboração da "autobiografia" de um povo. Ora, foi nesse método precisamente que se inspirou C. G. Jung para o desenvolvimento de sua própria teoria do Inconsciente Coletivo.

Um discípulo de Jung, o israelense Eric Neumann, elaborou muito interessantemente êsse vasto material em suas obras "The Origins and History of Consciousness" e "The Great Mother", utilizando os elementos fornecidos pela mitologia, a arte e a literatura religiosa da Antiguidade, para caracterizar o esplêndido despertar da consciência humana a partir de seu berço materno. Neumann destacou o notável paralelismo do fenômeno coletivo, que analisou do ponto de vista histórico, com o fenômeno individual, apreciado biograficamente nos sonhos, nas fantasias, devaneios e reminiscências espontâneas dos normais, e nas imagens e alucinações dos alienados. Outros discípulos de Jung, entre os quais Esther Harding em "Woman's Mysteries", analisaram o papel da mulher, antigo e moderno, oferecendo uma interpretação psicológica do princípio materno, tal como é representado nos mitos, nos ritos, na história e no sonho.

Dessas investigações, ressalta que o símbolo central da Magna Mater constitui uma unidade essencial e permanente de vida inconsciente que se manifesta através da sucessão cíclica das estações e das gerações, no ritmo incessante do nascer e do morrer, e possuindo uma realidade que é ao mesmo tempo imanente e transcendente, interior e externa, subjetiva e objetiva, abstrata e concreta. A interpretação dos motivos arcaicos, esparsos na cultura pré-histórica criada, sobretudo, pelos povos morenos e relacionados com a experiência imemorial da espécie humana, forneceu a Jung a idéia de transferir a tese de Bachofen do domínio da antropologia histórica para o da psicologia coletiva. Foi na base da investigação antropológica de seu conterrâneo de Basiléia que construiu Jung, com seus discípulos, os alicerces da metodologia analítica da Escola de Zurique. É a chamada Psicologia Profunda ou Psicologia do Arquétipo, que não deve ser interpretada apenas como uma "dissidência" da psicanálise freudiana.

A psicologia jungiana postula ser o "matriarcado subjetivo" — como assim o poderíamos chamar — uma expressão do complexo materno, isto é, do império que exerce a Magna Genitrix nas profundidades do Inconsciente Coletivo.

Após esta explicação, retornemos a nosso tema. Prossigamos em nossa tentativa de mais claramente definir a imagem da Grande Progenitora. Penetremos, como Fausto, no reino das Mães que governam o Brasil.

Para a criança no berço a Mãe não configura uma personalidade de contornos e intenções bem definidos. Representa antes uma força onipotente, absoluta, generalizada. A criança em sua inteira dependência se encontra para proteção, conforto e alimentação. Assim também, para o homem primitivo, a Magna Mater não se exprime sob a forma de uma deusa particular, de traços bem caracterizados, que se poderia chamar por um nome e identificar por atributos bem definidos. A Deusa

de Muitos Nomes aparece apenas num estado mais avançado de evolução cultural, e isso numa área que parece ter sido limitada à Europa Ocidental, o Mediterrâneo, o Oriente Próximo e a Índia. No princípio, para os povos primitivos, a Magna Mater é antes uma força difusa da natureza, um "espírito" que se distribui pelas rochas, os rios, as árvores, os meteoros, as águas e outros fenómenos naturais, uma instância multiforme, poderosa, cambiante, caprichosa, contraditória, ao mesmo tempo generosa e terrível.

Nas profundezas do Inconsciente cerca-se a Magna Mater de um riquíssimo tesouro de imagens simbólicas. Esses símbolos, entretanto, não podem ser reduzidos freudianamente à representação exclusiva dos seios, ou da vulva ou do ventre, nem à própria pessoa da Mãe natural e individual. O indivíduo pode sofrer de um complexo materno sendo órfão de Mãe: Foi o caso de Rousseau por exemplo. Pode sentir atração pelo seio, tendo sido alimentado por uma mamadeira. A imagem e a influência da Magna Mater, insísimos, são mais vastas e universais do que a da mulher. No Rig-Veda, o mais sagrado dos livros da Índia antiga, encontramos esta estância dedicada ao caráter polimorfo da Grande Deusa:

Aditi é o Céu; Aditi é a atmosfera.

Aditi é a Mãe; é o Pai; é o Filho.

Aditi é todos os deuses e os cinco lipos de sêres.

Aditi é o que já nasceu; Aditi o que nascerá.

A Deusa Mãe utiliza, para se manifestar concretamente na consciência, uma imaginária enciclopédica, colhida na própria riqueza de formas da natureza terrena. No "Burro de Ouro", Lucius Apuleius invoca a Magna Mater nos seguintes termos: "Rainha dos Céus, que sejas chamada Ceres, generosa mãe das frutas terrestres, ou celeste Vênus, ou irmã de Phoebus, o deus do sol, ou Proserpina que infunde terror com suas ululações noturnas, és aquela que ilumina com tua bondade feminina os muros de lódas as cidades".

A Magna Mater é a Deusa da Terra e da Lua, e para começar a Deusa da água e do mar. É a Mãe d'Água. No Brasil a Iemanjá é a Mãe d'Água de origem iorubá, que confluuiu com a crença nas fadas e sereias de origem européia e as Iaras ameríndias. Artur Ramos acredita que "as deusas mães nos chegaram ao Brasil por intermédio de Iemanjá". A palavra Iemanjá viria de "Mãe do Peixe", segundo A. B. Ellis, citado por Artur Ramos (de Yeye = mãe; Eja = peixe). Jorge Amado, em um de seus romances fala-nos da dona Janáina, a de cinco nomes, em cuja honra os marinheiros, saveiros e pescadores da Bahia cantam na noite de festa:

Iemanjá vem ...

Vem do mar ...

Eh a sereia

A sereia vem brincar na areia ...

Sereia do mar levantou ...

Sereia do mar quer brincar.

Na verdade, a princípio, quando a terra era ainda sem forma e vazia, o espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Numa possível referência às próprias origens da vida neste planêta, é nas águas que se exprime a primeira visão da realidade profunda. A psicologia analítica individual reconhece no mar a presença de um dos símbolos mais comuns do Inconsciente, como *Matriz* de todos os conteúdos psíquicos. Semelhanças etimológicas confirmam a associação: Mãe = Mar; Mère = Mer; Mutter = Meer; Mater = Mare.

A explicação de tais identificações parece, desde logo, bastante fácil. O ambiente aquoso é aquele em que vive o feto no ventre materno. É a água que circula com a seiva das plantas. Condensada em nuvens e caindo em chuva, é ela que fertiliza a terra, como um dos elementos dominantes da paisagem. O oceano é o meio original em que teria aparecido a vida e onde, até épocas recentes, acreditou o homem se gerassem espontâ-

neamente lódas as formas biológicas. O oceano da mitologia helênica bem como "as águas da profundidade" da simbologia judaica constituem um elemento propício à manifestação da Magna Mater em seu aspecto terrífico: a imensidão abissal do mar. Não nos esqueçamos que, mesmo hoje, com todos os progressos da técnica, mais dificuldade temos encontrado para penetrar, com nossa curiosidade científica, a cinco ou dez mil metros de profundidade, nos grandes abismos oceânicos, do que a milhões de anos-luz, na vastidão das medidas astronômicas, ou a centenas de milhares de quilômetros com nossas navegações espaciais. Mais fácil tem sido à indústria alcançar os céus do que à espeleologia entranhar-se no âmago de nosso próprio habitat terreno. Mais rebelde parece ser a Magna Dea que vive sob nossos pés, aos anseios de nossa vontade consciente de domínio, do que a distante Urânia que preside aos espaços interestelares.

A mitologia de Isis, da Astartéia Senhora do Mar, da Atrodite Anadiomena, nascida das ondas toda nua, em Cythera ou em Chipre; da Artemis de Iolcos; de Anfírite, deusa do mar — a mitologia da Iemanjá iorubana de nossos cultos sincretísticos, como da Iara indígena — identificam uma das formas mais comuns por que se manifesta a Deusa Mãe. Ela é a senhora do elemento aquoso. Perto de nós, pode viver na onda, na praia, numa concha ou no corpo de um peixe. Manifesta-se na chuva, através da qual a deusa da lua fertiliza a colheita. Habita os rios, os riachos, os lagos, as fontes, córregos e rochedos litorâneos, seguida ou personificada em uma multidão de ninfas, ondinas, nereidas e sereias, assim como em nossas janáinas, "mães de tudo quanto existe sobre a face da terra".

Nesse estágio da deusa cristalina, a consciência nascente manifestar-se-á também sob a forma simbólica de um peixe. O peixe é associado ao Phallus dos cultos pagãos da Magna Mater. Mais tarde, o peixe representará o próprio filho adolescente da Grande Deusa. Nas lendas da nossa Iemanjá, ela "escolhe os homens que há de levar para o passeio infundável no fundo do mar", os homens que transforma em peixes para o amor. Esse símbolo, já em forma sublimada, reaparecerá com freqüência na iconografia do cristianismo primitivo, como representação alegórica do Filho de Maria. A Virgem receberá como atributo uma estrêla do mar. Nós também, cristãos, vivendo sob o signo zodiacal dos Peixes, seremos peixinhos, *pisciculi*, que o grande apóstolo pescador recolherá na rêde da Santa Madre Igreja, após o nosso batismo com água e sal.

No "Poema Terciário" de Domingos Carvalho da Silva, a alegoria identifica o mar à mulher, numa justa compreensão da imagem arquetípica:

Teu cabelo era ainda musgo.

Teus olhos o corpo frio

De uma ostra semi-viva.

E tua alma sempre-viva

sobrenadava o oceano

qual uma estrêla perdida.

Teu coração era concha

fechada e sem pulsação.

E teu gesto — que é teu riso —

era um mineral estático

ainda não escavado

pelo mar duro e fleugmático.

Em seu aspecto terrível e destruidor, porém, pode também a Rainha do Mar utilizar-se das enchentes, dos dilúvios e das águas do abismo. Personificada em sereia ou ondina, nas sereias que Ulisses, acorrentado, ouviu cantar ao largo da costa amalfitana; na Lorelei das lendas germânicas ou na deusa que, no âmago do Venusberg, foi visitada pelo cavaleiro Tannhäuser; nas Iaras do nosso folclore indígena ou nas banhistas morenas das nossas praias tropicais — é também a sedutora irresistível



Ell Heli, Um domingo no morro. Óleo sobre tela. Museu de Arte Contemporânea, São Paulo.

...ja voz melodiosa, andar ondulante e corpo luzidio induzem o navegante desprevenido ou o herói romântico à aventura perigosa. Senhoras de um destino incerto, tentadoras, sedutoras, atraentes e amantes fatais, asoberbam a consciência masculina para melhor a destruir. Kierkegaard, no capítulo "As etapas eróticas espontâneas ou o erotismo musical" de sua obra mestra, o *Enten-Eller*, fala-nos dêsse Venusberg que não se encontra em qualquer mapa: "Lá está a sensualidade em sua casa, lá encontra seus selvagens prazeres, pois é um reino, um Estado. Nem a língua, nem a circunspeção do pensamento, nem a aquisição laboriosa da reflexão se podem lá estabelecer — só se ouve a voz elementar da paixão, o jôgo dos desejos, o ruído selvagem da embriaguês, só se satisfaz num eterno rumor".

O afogamento do herói no seio de Vênus é um símbolo de retôrno ao Inconsciente. As iâras, sereias e ondinas são nesse sentido, frias como a água, calculadoras como a lua. São as "mulheres fatais", insensíveis à emoção, desejosas apenas de alcançar o poder sôbre o homem, ardentes no desejo mas indiferentes ao amor, expressões puras do instinto demoníaco no que tem de friamente destruidor.

Num grau mais avançado do desenvolvimento psíquico, no entanto, exprime-se a consciência como barco ou navio, que sobrenada e navega o oceano maternal como o Espírito sôbre a face das águas — *fluctuat nec mergitur*. Nesse estágio, cabe ao Eu consciente prevenir-se contra o canto sedutor das sereias, para que não volte a mergulhar, a submergir-se ou perder-se nas águas abissais do Inconsciente. No simbolismo cristão, é a Igreja a arca da salvação contra o dilúvio da tentação terrena. A Madona é a *Stella Maris* à qual rezam os marinheiros na tempestade.

Como útero, como seio, como regaço, é a Magna Mater especificamente tudo que protege, resguarda, esconde, encobre, envolve, engloba, defende, acalenta, embala, aconchega. É um "vaso" no sentido mais lato da palavra: aquilo que "contém". E viverá na noite, nas profundidades tenebrosas, nas grutas e cavernas, com os homens primitivos, os trogloditas; como viverá, mais tarde, nas casas, especialmente nos átrios e lareiras, e nas cidades dos homens civilizados. As cidades serão deusas tutelares, deusas mães, metrópoles, como foram Atenas, Roma e Bizâncio, por exemplo. *Home, Heimat, Homeland*: as línguas germânicas estabelecem a ligação etimológica entre a casa, o lar, a terra natal e a Mãe.

A gruta primitiva é um útero, assim como a montanha o ventre da terra. A entrada da gruta é uma boca ou vagina telúrica por onde se penetra nas sombrias e terríveis profundidades subterrâneas onde habitavam as sacerdotizas da Deusa Mãe, e mais tarde as feiticeiras e macumbeiras. É o sentido da aventura de Fausto a procura das Mães. Deusa da Terra, a Magna Mater e também Deusa da Morte. Senhora e dona do túmulo, ela é, como no Egito, "devoradora dos corpos mortos da Humanidade" e companheira de Osíres. Daí também a presença tão comum da Deusa primitiva nos sítios ermos, entre as montanhas agrestes. Na floresta também, mas de maneira tenebrosa. Na floresta virgem das deusas virgens, caçadoras e guerreiras — das Amazonas. No arvoredo como o do Brasil original, "tanto e tamanho e tão basto e de tantas prumagens que não podia homem dar conta" — tal como pelo navegador europeu foi aqui encontrada. Nos vales e cavernas permanecerá por muitos milênios, como em Delfos. Até hoje, prefere a Virgem as grutas para as suas aparições. Em contraste, os deuses procuram de preferência as alturas, seus templos erguer-se-ão no topo das montanhas ou no vértice de monumentos piramidais.

Tal o vasto simbolismo da Magna Mater que se exprime como corpo, como natureza, como *matéria*. Existe aliás uma correlação etimológica direta entre a palavra *Materia* e a palavra *Mater*. Pois se o Logos patriarcal impõe a lei, a forma, a ordem, a organização, a idéia abstrata — a Magna Mater fornece a substância, a matéria caótica a ser moldada pelo Verbo. Ela necessita incorporar-se, encarnar-se, materializar-se, concretizar-se. O que potencialmente existe na semente, como forma, manifesta-se visível e concretamente no brôto que nasce da terra.

Assim, a Magna Genitrix, mais ainda do que água e deusa da lua, é *terra*. "A Terra é o útero da realidade, vista como algo feminino" — escreve Eric Neumann — "o umbigo e o centro, do qual se nutre o universo". Neumann propõe a seguinte fórmula universal para o período matriarcal com que se iniciou o desenvolvimento da humanidade: mulher = corpo = vaso = mundo ou natureza terrena. Na verdade, quando emerge o Espírito das águas primordiais e desce sobre um meio mais sólido e mais firme, reaparece a Magna Mater, ricamente trajada de plantas e pedrarias, como o Espírito da Terra, o *Erdgeist*.

Deusa da Terra, e ela tudo que alimenta, desde o colo materno até aquêle "seio nutriz da natureza bruta" cantado por Olavo Bilac. São os alimentos, as frutas, os cereais, num sentido geral a vegetação, a árvore, a flor, a semente e o grão. Flora e Demeter. A planta é feminina. São também certos animais mais ligados à Mãe, a tartaruga, a serpente, a vaca. Ela é a deusa dos animais e tudo enfim que Deus criou no terceiro dia de seu trabalho criador.

O próprio Cosmos adquire a forma de um corpo humano, feminino. A Grande Deusa matriarcal do Mediterrâneo foi também a Deusa da Lua e da noite. A Lua reflete a Terra como um espelho na noite fria, presidindo, como o Sol, ao universo estelar. A Grande Deusa é Deusa da Lua porque, como nos diz Plutarco, "chamam à Lua a Mãe do Universo, tendo naturezas ao mesmo tempo masculina e feminina": ela é livre e virgem, não tem marido mas tem um filho.

A mulher foi primitivamente identificada à lua e seu poder de conceber e parir considerado uma dádiva especial de nosso pálido satélite — como também o ciclo mensal da mulher, que corresponde às fases da lua, estabelece um misterioso laço entre elas, de onde resultaria, na crença do selvagem mas também na do bronco camponês de hoje, o poder que ambas detêm sobre a fertilidade da terra e a agricultura. É ainda Plutarco que nos garante ser "a lua, com seu poder úmido e generativo, favorável à propagação dos animais e ao crescimento das plantas". A poesia romântica não esqueceu a lua, nem as águas, os

lagos e as plantas que continuam representando, com a mulher, os sentimentos noturnos de amor e os mistérios tenebrosos da paixão.

A identificação psicológica é tão poderosa na mente humana que o cristianismo não a eliminou, mas antes sublimou, atribuindo a Cristo o Sol da Justiça, e à Virgem Maria "a Lua Perfeita e Eterna", "Nossa Lua", a "Lua Espiritual", "a Lua da Igreja". Foi o grande Papa Inocêncio III que nos aconselhou: "É para a lua que deve olhar aquêle que se acha enterrado na sombra do pecado e da iniquidade. Tendo perdido a graça divina, o dia desaparece. Não há mais sol. Que se dirija a Maria: sob sua influência milhares encontram diariamente seu caminho para Deus". Na iconografia da Virgem, aliás, a imagem continua freqüentemente representada em pé sobre um crescente lunar.

★

A multiplicidade de caráter da Grande Mãe pode ser concretamente ilustrada pela sua mais primitiva representação plástica. As estatuetas femininas encontradas nas cavernas do paleolítico, constituindo talvez a mais antiga manifestação artística do homem, já denunciavam a existência de uma diferenciação. No período aurignáceo, sobretudo na área do Mediterrâneo, na Europa ocidental e no Oriente Médio, dois tipos de deusa nua estão bem caracterizados. Temos a Vênus de Willendorf, a de Lespugne, as terracotas e marfins encontrados em Chipre, em Creta, na Palestina, Síria e Mesopotâmia: segurando os seios com as mãos, freqüentemente abrindo as pernas numa atitude obscena, são imensos símbolos de fertilidade, cornucópias de abundância vegetal, obesas para sugerir o alimento em excesso, ostentando peitos gigantescos, ventre estérico, imensas nádegas, um exagêro em toda a região vulvar... mas sem cabeça! E temos, por outro lado, as figurinas de Mohenjo-Daro, no vale do Indus, e sobretudo as refinadas bonecas de mármore descobertas nas ilhas Cíclades, do Egeu, com suas formas geométricas, finas e puras, como que intelectualizadas, espiritualizadas e, muitas vezes, tão estilizadas que mais parecem prematuros modelos de violino!

Já pela boca de um dos convivas, no Simpósio, declarara Platão que existem dois tipos de Afrodite: a Celestial e a Vulgar ou Natural. As deusas cicládicas são "celestiais", as de Willendorf, Lespugne e Mesopotâmia, "vulgares" ou "naturais". A distinção platônica entre as duas aparências contraditórias da deusa do amor exerceu a mais profunda influência sobre a filosofia, as artes e a literatura, desde a Idade Média e o Renascimento até nossos dias. Kenneth Clark, em seu "estudo sobre a arte ideal", *The Nude*, adotou o conceito platônico, oferecendo aos dois modelos de Vênus os nomes de Cristalino e de Vegetal. Neumann, seguindo na mesma trilha, qualificou a primeira de "astênica", a segunda de "pícnica".

A representação ideal da Afrodite Vegetal ou Pícnica é encontrada em Rubens, em Rembrandt e, mais recentemente, na pintura de Renoir e na escultura de Henry Moore. A Vênus Cristalino é por excelência a de Botticelli. É hoje também o tipo ideal dito "moderno", que aparece na pintura de Modigliani e de Matisse. A Vênus moderna é desportiva, tem pernas longas, cintura fina, seios pequenos. E tem cabeça!

A Vênus Pícnica ou Vegetal configura essencialmente a fertilidade da natureza. Sua representação nas paredes das cavernas ou sob a forma de estatuetas de pedra, terracota, mármore ou marfim denuncia o seu domínio generalizado, não somente sobre os homens mas sobre os animais. Ocorre igualmente uma relação com a incipiente arte da cerâmica a qual pode ter tido uma origem feminina, se considerarmos o número elevado de usos domésticos dos vasos, urnas, potes, jarros e outros recipientes pré-históricos. Vasos, urnas, jarros de cerâmica ou barro são, como as cavernas, as palhoças e as casas, símbolos femininos de proteção e segurança. São "continentes". Estão

ligados à terra. A semelhança é às vezes concretamente expressa em potes e vasos que reproduzem formas femininas.

As deusas cicládicas pelo contrário, nascidas de um mar cristalino de pensamento e de eternidade, procuram reduzir a proliferação luxuriante das formas maternas a uma disciplina que diríamos apolínea. Esta, nas mãos de um Praxíteles, produziria a pura e harmoniosa nudez da grande estatuária grega — já quase desprovida de sensualidade e de indicações de fertilidade. Mas a esplêndida nudez feminina já havia conquistado as praias do Mediterrâneo, como conquistaria mais tarde as do Atlântico.

A Vênus Vegetal, vulgar ou pícnica, estaria mais ligada à Magna Mater como Deusa da Terra; ao passo que a Vênus Cristalina, celestial ou astênica, seria a Deusa do Mar e da Lua.

Um laço comum entre as primitivas deusas pícnicas e as astênicas é o triângulo invertido na região vulvar, o qual também se estiliza progressivamente. Na Grécia, as proporções clássicas dos torsos das Afrodites — as de Praxíteles e a de Milo, por exemplo — revelam uma equidistância entre os bicos dos seios e o umbigo, formando um perfeito triângulo equilátero. Mais tarde, no final de uma longa evolução, o triângulo invertido entrará para a simbologia medieval, cabalística e alquímica, desprovida de qualquer conotação corporal, mas representando a Fêmea e, freqüentemente, o Espírito do Mal. Essas

formas geométricas passam a ser essencialmente simbólicas e rituais, com propósitos mágicos. Não possuem qualquer intenção estética.

Na mitologia de certos povos, determinadas partes do corpo feminino são associadas a aspectos do mundo e a acidentes geográficos. Os cabelos são as florestas; os seios e as nádegas, montanhas; o colo, um vale; os líquidos corporais, rios; e os homens, as fôlhas e flôres. Canta o poeta da Iliade:

*As gerações dos homens
São como as fôlhas da floresta.
As fôlhas caem
Sob o balejo da brisa
E outras crescem na primavera —
Assim também,
Como vão e novamente voltam,
Ocorre com os homens na Terra.*

Ésquilo fala-nos da Terra que "gera todos os sêres, os alimenta e depois novamente os recebe, como germes fecundos". E Platão no "Menexenus" afirma que, "na fertilidade e na geração, não é a mulher que estabelece um exemplo para a terra, mas a terra que dá um exemplo à mulher". Eis a verdadeira intuição do sentido arquetípico da maternidade, presente em Platão de maneira alegórica ou mitológica, presente no cristianismo sob a forma já transfigurada e espiritualizada da *Theotokos*, a Mãe de Deus.

É o que também compreendeu Bachofen quando declarou: "As fôlhas das árvores não crescem uma das outras, mas tôdas conjuntamente desde os galhos. E do mesmo modo crescem as gerações dos homens na visão matriarcal... O que é gerado pertence à matéria materna que o abrigou, que lhe deu à luz e o nutriu. Mas sempre será essa Mãe a mesma Mãe: em última análise, a Terra, representada pela mulher terrestre, através das gerações infinitas das mães e das filhas".

☆

Ignorante, supersticioso, mentalmente débil, vivendo quase exclusivamente uma vida de rotina fisiológica, mergulhado na escuridão inconsciente de determinações puramente instintivas, rico porém de potencialidades psíquicas extraordinárias, depara-se o homem primitivo numa situação de total englobamento no seio da natureza onipotente. Passivo e inerte, como que dorme preguiçosamente no berço onde o deitara a Magna

Mater telúrica. Existe ou sobrevive num mundo inexaurível onde tôdas as suas necessidades são supridas pela terra e de sua generosidade ou de seus caprichos depende. Aplicar-se-ia ao caso o pensamento de Clarice Lispector para quem "a primeira verdade está no corpo e na terra".

No estado primordial coletivo, que corresponde ao da criança na fase de amamentação, os traços da influência materna evidenciam-se num Ego ainda embrionário, não exercendo atividade própria e mal saído ainda da vida fisiológica. O mundo do arquetipo materno apresenta-se como um universo que alimenta e protege, que aquece e dá prazer, que conforta e perdoa. Sempre será a Mãe aquela que cumpre, aquela que ajuda. Sua imagem reaparecerá sempre, por êsse motivo, em tôdas as épocas de desespêro, como o refúgio e auxílio da humanidade sofredora, numa nostalgia cujas mais profundas raízes se prendem à memória milenar do estágio inicial de dependência bemaventurada.

Êsse estágio, entretanto, não durou indefinidamente. A luta contra os animais selvagens na procura do alimento, os fenômenos naturais calamitosos, talvez os longos períodos glaciares devem ter correspondido a um desafio que estimulou o homem do paleolítico no caminho da evolução. Houve um desafio que trouxe mingua, fome, sofrimento, luta. Exposto ao meio ambiente hostil, fóra do regaço materno, sentiu-se o homem desamparado. Êsse estado psíquico de vulnerabilidade essencial corresponde ainda hoje ao do indígena, não obstante sua melhor adaptação natural. E pode ocorrer ao homem civilizado quando se depara, abandonado e solitário, na vastidão do oceano ou na fechada profusão da mata virgem, longe dos recursos e da companhia de seus semelhantes.

Perante a grandeza e mistério da natureza, a consciência crepuscular do homem primitivo mantém-se num estado de espanto, de terror e impotência. A magia é então a sua única defesa. A magia visa recriar, por uma técnica especial, a instância materna onipotente. A magia é precisamente a técnica feminina como a técnica é a magia da sociedade lógica, moderna e masculina. A situação corresponde psicologicamente à da criança na primeira infância, fóra do regaço materno — o sentimento de se sentir exposta à ação imprevisível das forças hostis no mundo exterior. Psicologicamente, é o estágio da expulsão do paraíso, estágio simultaneamente atingido com o despertar da consciência.

O mundo exterior, nesse estágio, é caracterizado pela sua total irracionalidade. É o domínio do capricho, do acaso, da incerteza demoníaca onde não é possível prever, nem a satisfação do desejo e da fome, nem a ocorrência repentina do ataque, da violência, da ameaça de morte. A partir da alvorada da psique, o estado de inconsciência será visto sob um prisma negativo: como um retôrno impossível ao passado exaurido. Quando o Ego principia a ter consciência de sua própria autonomia, de sua liberdade e responsabilidade, começa também a sentir que a Mãe está falhando na sua pretensão de conceder absoluta proteção e alimento. A consciência viril implica duplamente uma afirmação de independência e uma realização de perda de confiança na onipotência materna.

Mas ao procurar cortar o cordão umbilical que o prende à Magna Mater para enfrentar as conseqüências tremendas da "desmama" psicológica — o esforço, o trabalho, a responsabilidade, a luta, o risco do contato com o meio ambiente e das lides masculinas — então desponta necessariamente, no Ego, uma nova imagem feminina, sob um nôvo aspecto, antitético. Com a figura da Grande Mãe Protetora, surge a da Mãe Terrible, da Mãe Devoradora, da megera funesta, a Velha Feiticeira, a Deusa da Morte. As Mães principiam então a adquirir aquela máscara tremenda que também lhes conhecemos na mitologia.

No estágio inicial, em suma, a consciência ainda não surgiu para denunciar as antíteses e contradições inerentes à imagem

arquetípica primordial. O homem primitivo, como a criança, lê a experiência da Magna Mater na sua duplicidade e paradoxal convivência do Bem e do Mal, sendo incapaz de diferenciar os dois aspectos opostos dessa realidade. Logo que desperta a consciência, porém, ela *ipso facto* distingue.

Na Gênese bíblica a distinção é clara. A imagem da Magna Mater, a divina Ousia, cinde-se em suas duas faces contraditórias, a da Primeira e a da Segunda Eva. A problemática está expressa na figura de Eva e, mais ainda, na versão apócrifa que faz surgir Lilith como companheira de Satã, o espírito rebelde cuja presença parece inerente ao processo espiritual de criação. Eva é a esposa de Adão, a mãe generosa e sofredora de toda a humanidade. Eva é ao mesmo tempo, como Lilith, a sedutora, a primeira culpada pela tentação que conduziu à queda. Como tal, identificada à própria serpente diabólica, será eternamente temida e rejeitada pelos místicos, os eremitos, os castos e os puritanos. Ao correr de sua evolução psíquica, conscientemente valorizará o homem o aspecto amante e generoso da Mãe, da Espôsa e da Filha, numa sociedade progressivamente monogâmica e patriarcal. Inconscientemente, porém, o derrame do aspecto maléfico ativará os traços terríveis da Hécate funesta e daninha que, com ameaças, venenos e a companhia de animais tenebrosos, à serpente, a aranha, o corvo, associados à atração mórbida da morte, perturba o equilíbrio psíquico, sobretudo no domínio da sexualidade, conduzindo nos casos extremos à pederastia, à masturbação, à impotência, à neurose e ao suicídio.

"A figura arquetípica do feminino", afirma Neumann, "é sempre urobórica, no sentido de que os contrários nela estão ligados formando uma indissolúvel unidade". Na verdade, é a ambivalência uma característica fundamental do arquétipo: o fato de que combina na sua mais íntima estrutura, na sua essência primordial, atributos ao mesmo tempo positivos e negativos. A psicologia moderna, segundo a concepção de Jung, reconhece o princípio heraclítico da tensão dos opostos. Toda realidade psíquica apresenta dois aspectos antitéticos. A pressuposição energética implica uma relação de opostos, quer se processe sob a forma de uma tensão criadora, quer sob o aspecto de um conflito insolúvel e destruidor. A cisão em dois precede, conseqüentemente, toda realização consciente de um problema.

Daí o aparecimento, na mitologia clássica, das figuras de Hécate, da Gorgona e da Medusa. A própria Afrodite, deusa da vida e do amor livre, deusa do prazer e da sensualidade satisfeita, possui o seu aspecto funesto. Alguns de seus epítetos são significativos: em Atenas era irmã das Erínias, a mais velha das deusas do destino; em outras cidades era Melaenis, a Negra; Scotia, a escura; Androphonas, assassina de homens. Plutarco também a qualifica de Epitymbria, lembrando sua associação com o túmulo. Daí também o aspecto tremendo das Mães no Segundo Fausto goetheano, a Grande Mãe Urobórica de Neumann, a Mãe Devoradora nos "Símbolos de Transformação" de Jung — todas elas coincidindo formalmente quanto a essa antítese afetiva, essa ambivalência original do arquétipo feminino que se vai desenhando. A "Mãe Negativa" ou Devoradora, a bruxa e a feiticeira surgem quando a criança sofre, mais do que é normal para a espécie, da hostilidade do meio. A Mãe pessoal, em outras palavras, falha no que diz respeito à sua pretensão de lhe garantir segurança e absoluto conforto.

Ela é um destino supremo, um fado envolvente e amante, uma sorte inexorável que, no entanto, pela sua ausência ou abstenção, ou inversamente pela sua resistência em libertá-lo, em deixá-lo desprender-se de seu seio, em lançá-lo ao mundo, se pode súbitamente tornar indiferente, hostil ou destruidora!

A Magna Mater é por isso, para os primitivos que a conceberam à sua própria imagem, também cruel, lasciva e sanguinária, movida pelos instintos como os animais selvagens com os quais

coabita e se identifica na bestialidade. Também sedenta de sangue, porque o sangue é o princípio de vida. E em sua homenagem o sangue das vítimas sacrificadas é derramado aos borbotões.

A Magna Mater é a deusa do destino, a Mãe da vida e da morte, aquela criatura ambivalente na sua generosidade e no seu horror que conhece e evoca Machado de Assis:

*Sei de uma criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.*

*Habita juntamente os vales e as montanhas;
E no mar, que se rasga à maneira de abismo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.*

*Traz impresso na fronte o obscuro despotismo.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e egoísmo.*

*Friamente contempla o desespero e o gôzo,
Gosta do colibri, como gosta do verme,
E cinge no coração o belo e o monstruoso.*

☆

As Mães são as deusas do destino. O Destino caracteriza-se pela confusão do Bem e do Mal, pela ausência de uma lógica ou de uma justiça na distribuição dos bens deste mundo. Por isso, quase todas as deusas foram consideradas "tecelãs" do destino. Para os egípcios, os mortais estavam presos ao véu ou rede de Isis. Ao nascer, o espírito era, como se fôra, emaranhado na rede da natureza, preso ou atado ao véu das circunstâncias impostas pela Deusa — sem o que, entretanto, não poderia esperar percorrer o mar da realidade encarnada, para esperar a oportunidade de salvação.

O matriarcado está ligado ao mistério primordial da tecelagem, que foi invenção da mulher e durante milhares de anos atividade puramente feminina. A roupa protege e encobre. Os "tecelos" do nosso corpo também são formados no ventre da Mãe. As Deusas eram senhoras do fado humano: Isis, Eleithya, Hécate e Athenas; as Moirai, também chamadas Klothos, "tecelãs"; as Nornas, dos germanos, que delinham em suas mãos a sorte dos guerreiros. No próprio Islame, não obstante o feroz patriarcalismo do Profeta, a Grande Mãe triúnica sobreviveu nas Três Virgens Santas ou três Filhas de Allah, Al-Ilal, Al-Uzza e Manat. A terceira, Manat, configura o tempo, no sentido de destino, sorte ou fatalidade. As três irmãs seriam equivalentes às Moirai ou Nornas, em seu triplice aspecto (passado, presente e futuro) que exprimiria também, respectivamente, o mundo subterrâneo ou infernal, o mundo terreno atual, e o mundo celestial ou paradisiaco que há de vir. Para Platão a Deusa é a Necessidade, *Ananké*, em torno de cujo fuso giram as oito esferas do Cosmos. Em nossa própria cultura cristã, a Virgem Santíssima, pela qual oramos "agora e na hora da nossa morte", é a intercessora suprema nessa esfera incompreensível e inteiramente irracional do Destino — que interfere em nossa existência terrena independentemente de qualquer justo critério de Bem e de Mal.

Pois os designios da Magna Mater são, na verdade e por definição, imprevisíveis, cambiantes e irracionais, em contraste com a vontade de Deus a qual, embora igualmente insondável e imprevisível, é impregnada pela categoria ética da justiça. O que caracteriza o fado como destino sofredor imanente, em contraste com a fatalidade imposta por Deus, é que o fado ocorre irracionalmente e nos atinge independentemente de nossa culpa ou responsabilidade, ao passo que procuramos progressivamente, a medida que crescemos espiritualmente, conceber a vontade de Deus, a qual pedimos "seja feita assim na terra como no céu", como inspirada por uma Providência, em sua conformidade com um inflexível critério moral. A história da consciência representa assim uma substituição gradual da

atribuição das ocorrências fortuitas ao fado cego — contra o qual nos protegemos pela magia e a invocação da Magna Mater — pela "Vontade Divina", vontade que supomos iluminada pelos seus próprios desígnios transcendentais, na eternidade do Ser espiritual.

Entretanto, como escreve Jung, "a curiosidade divina anseia por nascer e não hesita diante do conflito, do sofrimento e do pecado". A primeira iniciativa criadora, de libertação do Ego que se procura afirmar como Logos, não será apenas o incesto mas o matricídio simbólico. Édipo é o herói vencido pela fatalidade do complexo materno. Orestes aquêle que levou às suas últimas conseqüências o esforço de libertação. Entre os complexos de Orestes e de Édipo gravitará doravante a psique do adulto, como entre Jung e Freud a psicologia das profundezas.

Nesse momento, desponta o homem na alvorada da consciência como elemento dinâmico e poder autônomo, como agente superior ao mesmo tempo sêmen e espírito criador, como categoria *Yang*, abstrata, ativa e responsável — o qual se destaca e eventualmente sobrepuja a categoria *Yin*, passiva e concreta da mulher.

Para a consciência patriarcal que assim, aos poucos, se vai impondo, o Espírito é o Criador primordial e possui uma eternidade *a priori*, pois é o próprio criador do tempo. Bachofen intuiu essa realidade psicológica ao conceber o desenvolvimento da consciência segundo um ritmo em três estágios — o primeiro denominou de "telúrico-material", o segundo de "lunar-psíquico" e o terceiro de "solar-espiritual". Nesse último estágio ocorre uma conversão: "o que apareceu por último na consciência se torna agora primeiro e original; o sol torna-se o poder primordial, do qual surgiram, como por emanção, os dois estágios inferiores. O que foi definido por Aristóteles (no *De partibus animalium*) como sendo a lei do desenvolvimento, cumpre-se agora. O que veio por último não parece de maneira alguma haver surgido de modo final ou derradeiro, mas ter sido verdadeiramente primário e original. Pois aquilo que, geneticamente é derradeiro, é agora primário".

No estágio espiritual-solar, o homem associa o poder fecundante do Logos com o sol, a chuva, o ar (*pneuma*), os elementos sublimes que dominam a terra e a fecundam. Deita-se sobre a mulher como o céu sobre a terra. Sua ação ocasional e misteriosa sugere a idéia de algo transcendente, celeste e divino, e de qualquer forma independente da categoria inicial telúrica. A nova associação de causa e efeito entre fenômenos que se sucedem, gera uma crescente familiaridade com a categoria temporal. Face à continuidade cíclica e indefinida da existência, envolvida no seio da Magna Mater, desperta o sentimento de um devenir, de uma duração, de uma finalidade longínqua. A vida adquire um sentido teleológico, um propósito. O tempo passa a ser uma consciência subjetiva do passado pela memória e do futuro pela pré-visão e antecipação, deixa também de ser eterno e cíclico (e portanto feminino) para se tornar criatura — um tempo linear, teleológico e irreversível.

O matriarcado nesse sentido, não seria propriamente uma estrutura social, muito menos uma forma de domínio político. Seria, sim, essencialmente uma atitude mental, um estágio do desenvolvimento psicológico coletivo da raça humana, que precedeu o albor da consciência viril e a imposição de uma ordem abstrata e lógica (ou política) na administração da coletividade urbana. Seria um fenômeno específico *sui-generis*, uma situação psíquica particular que, por motivos ainda dificilmente compreensíveis, se atrasou e evoluiu na região litorânea abarcada pela imensa faixa sub-tropical que, das colunas de Hércules a Ocidente, se estende até as ilhas asiáticas no Extremo-Oriente.

No centro dêsse imenso arco marítimo nasceu o monoteísmo semita que é estrita e ferozmente patriarcal. Foi também nessa área que, em conseqüência do surgimento do princípio ético

sob a influência das divindades masculinas, se estruturou a família em bases sólidas, com a imposição do *pater potestas* e a submissão da mulher. A antiga área de domínio da Deusa seria, paradoxalmente, a área em que vigora hoje, de modo mais saliente, o regime de preeminência masculina. Seria também aquela em que nasceu o monoteísmo judaico, e em que se desenvolveu o cristianismo e o islame. O paradoxo não é verdadeiramente um paradoxo mas uma necessidade lógica que só é difícil de entender para quem desconheça o funcionamento da alma humana, segundo é concebida pela psicologia analítica moderna, na sua inerente tensão ou equilíbrio compensatório entre a esfera do Eu consciente e a esfera do Inconsciente Coletivo. Ao domínio que o Logos do Pai exerce sobre a estrutura consciente e objetiva de nossas sociedades, através da austera educação que nos deram a Bíblia judaica, os Evangelhos, as leis de Roma, a filosofia grega, e o racionalismo europeu, corresponde a soberania tanto mais incontrastável de que gozam as Mães, com o poder de seu amor, no nível inconsciente.

Eis a conclusão a que somos forçados a chegar: o patriarcalismo social e familiar da faixa sub-tropical euro-indonesiana é a expressão cultural moderna que encobre uma realidade psicológica antiga. Estamos diante de um esquema de âmbito mundial que pode ser assim destacado: O Norte, lógico, viril e agressivo; o Sul, quente, erótico e afetivo. Aquêles portadores das virtudes de inteligência masculina que dão nascimento às sociedades lógicas, êste inspirado pelos sentimentos femininos de onde surgem as sociedades eróticas. A polarização Norte x Sul, apreciada segundo êsse critério, constitui um traço permanente do desenvolvimento histórico da cultura universal. Julio César, no *De Bello Gallico*, já comentara a masculinidade dos bárbaros germânicos e a feminidade da Provença civilizada. Verificamos que essa distinção também é válida na Índia, na China e no Japão, — como continuará sendo válida sempre que procurarmos estabelecer aquilo que distingue o patriarcalismo do matriarcado.

A religião sublimou a tensão criadora entre o fator matriarcal, inconsciente ou sub-consciente, e o fator patriarcal que estrutura objetivamente a nossa sociedade — religião cuja fecunda matriz se localizou historicamente às margens do Mediterrâneo. A solução judaica e islâmica foi radical: Jeová e Allah repeliaram ciumentamente o que parecem ter considerado "concorrentes" femininas. Mas se os judeus representam hoje em virtude de sua dura experiência milenar de respeito aos preceitos da Torah, uma sociedade eminentemente patriarcal e lógica, o Islame transborda de eroticismo feminino que se insinuou na sensualidade árabe graças à tolerância moral de Mahomet. A solução cristã, católica e ortodoxa, foi conciliatória: veneramos a Virgem, Mãe do Filho de Deus; a solução protestante tão radical quanto a judaica.

Podemos assim conceber a civilização cristã ocidental como sendo o fruto magnífico dessa *conjunctio* transcendente, dessa hierogamia sublime, dêsse matrimônio misterioso entre o Deus Pai Criador, revelado pelos profetas, e a antiga Magna Mater, Mãe dos primitivos povos morenos da faixa tropical.

Em tôda a área do Mediterrâneo e do Atlântico Sul, nessa área que inclui o Brasil e os países europeus que mais contribuíram para a nossa formação cultural, continua a Grande Mãe a desempenhar o seu papel dominante, não apenas nos mais íntimos recessos da alcova e do lar mas nas profundezas abissais da alma coletiva. A Magna Mater estendeu as fronteiras de seu reino original. Nas sociedades eróticas, ordenadas pelos laços afetivos, que habitam as margens encantadas dêsses mares quentes e azuis, a parte instintiva, pré-lógica ou sentimental, da coletividade continua assim a ser determinada por essa influência, carinhosa e suave mas também freqüentemente tirânica, que se exerce, individualmente, através dos conteúdos emocionais fixados e constelados em tórno do Complexo Materno o Reino das Mães procurado por Fausto.